



HOMENS FEMINISTAS NA REVISTA GQ: CONTRADIÇÕES CONSTITUTIVAS¹

Guilherme Medeiros²

O presente trabalho se trata de um recorte do projeto pesquisa de monografia intitulado “No espaço da contradição: homens e feminismo(s) em discurso na revista GQ”, bem como os seus desdobramentos a partir das reflexões e discussões realizadas durante a Sessão Coordenada II, “Discursos, luta de classes, gênero, raça” do SEAD X. Portanto, percorremos um trajeto de maneira a apresentar o percurso em que se deu a efetivação do projeto de pesquisa, seu objeto de estudo, para assim, depois, discorrer sobre as análises, bem como as contribuições valorosas do evento nesse percurso.

Nosso trabalho situa-se na perspectiva discursiva dos estudos da linguagem, tendo como base teórica o trabalho de Pêcheux, na França, bem como os seus desdobramentos a partir dos estudos de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros. Dessa forma, temos como objeto de estudo o discurso, enquanto efeitos de sentidos entre interlocutores (ORLANDI, 2015). Mais especificamente, analisamos os efeitos de sentidos atrelados à discursivização sobre a participação dos homens nos movimentos feministas, a partir de publicações das edições da revista GQ em diferentes países. A revista GQ é um periódico destinado a homens, trata-se de um guia de moda e de estilo de vida. A seleção do *corpus* de análise provém da demanda de compreender a maneira como são organizados e postos em circulação os dizeres sobre homens e feminismos nas revistas direcionadas ao público masculino.

A partir do trabalho com as sequências discursivas, delimitadas por meio da pesquisa de palavras-chave em mecanismos de busca internos dos portais *online* da revista, uma série de questões foram levantadas a respeito das condições de produção desses dizeres, bem como a sua recepção. Isto é, quem são os homens para quem a revista direciona suas publicações? Ou ainda, qual(is) é(são) esse(s) homem(ns) sobre quem a revista diz? Há um recorte de classe, raça e sexualidade? Por meio do trabalho com as sequências discursivas, foi possível observar como a revista selecionada põe em circulação uma perspectiva feminista em conformidade com o modelo de produção capitalista, sem questionar as estruturas que produzem as diferenças de gênero, por meio da racialidade e da colonialidade, como nos alerta Vergès (2020).

A seguir, teceremos um breve panorama de como raça e gênero têm se apresentado não apenas como uma categoria de análise, mas como ferramenta analítica da própria constituição teórica da Análise de Discurso. Ao longo do texto, as sequências discursivas serão apresentadas, bem como suas análises de forma a demonstrar o percurso teórico traçado ao longo deste trabalho.

¹ Trabalho sob orientação da Prof.^a Dantielli Assumpção Garcia.

² Graduado, UNIOESTE. E-mail: guimedeiros0009@gmail.com.

Como antes mencionado, apresentaremos neste texto um recorte das análises realizadas durante o desenvolvimento de um projeto de monografia. O projeto teve como *corpus* discursivo dizeres em circulação em edições da revista GQ em diferentes países. No entanto, o trabalho teve como foco as publicações das edições brasileira e mexicana, uma vez que a luta dos movimentos feministas na América Latina possuem pontos em comum, como a resistência a regimes ditatoriais, por exemplo. Além disso, nos interessa compreender como a colonialidade produz marcas na estruturação dessas sociedades, a partir de uma perspectiva decolonial do feminismo (VERGÈS, 2020). É importante frisar que a edição mexicana é destinada a toda América Latina, assim como há uma única edição direcionada ao Oriente Médio.

Iremos recorrer a Modesto (2021) para pensar sobre como os discursos na sociedade brasileira são marcados pela racialidade, como condições de produção, uma vez que nossa formação social brasileira capitalista se constituiu a partir da exploração de mão de obra racializada. Por meio dos estudos feministas decoloniais, buscaremos estender essas reflexões ao cenário da América Latina, e aqui focamos nas edições mexicana e brasileira da revista GQ, pensando na divisão social do trabalho, na exploração de mão de obra gendrada e racializada em sociedades pós-coloniais (VERGÈS, 2020). Françoise Vergès (2020) justamente aborda a questão de como o trabalho da limpeza e do cuidado foi historicamente resignado a mulheres racializadas, assim como o debate sobre direitos reprodutivos se difere em relação à questão racial.

Grifamos a importância de recorrer a esses estudos justamente por observamos a tematização da criação de “filhos feministas” (ou “pais feministas”) nos textos publicados pela revista GQ não envolve questões do cuidado, em termos mais práticos das relações cotidianas (alimentação, higiene etc.). Esse silenciamento nos faz questionar que perspectiva de feminismo a revista elege para circular em suas edições. Ou ainda, quem é que é responsável por limpar e alimentar, na prática, essas crianças? Quando sabemos que ao se tratar de classe média e alta (que é o público leitor da revista segundo *Mídia Kit*), a figura da babá permanece ainda hoje, preservando a memória colonial da ama de casa.

SD1: Trudeau no quiere que sus hijos se conviertan en personas tóxicas o que se sientan presionados a actuar o pensar de cierta manera, y por eso educarlos como feministas, entendiendo el feminismo como una filosofía de respeto e igualdad, es fundamental (GONZÁLEZ, 2017, s. p.)³.

Ainda que o discurso em questão não se trata de um discurso *de* ou *sobre* raça, é possível analisar como a racialização dos corpos e dos sujeitos funciona, como condições de produção em sociedades colonizadas e racializadas (MODESTO, 2021). Trudeau, sobre quem a publicação diz *sobre*, é o primeiro-ministro do Canadá, homem branco e que ocupa um espaço no poder institucional. O primeiro-ministro se refere a uma “filosofia de respeito e igualdade” ao dizer sobre feminismo (marcado no singular). É necessário questionar que perspectiva esse feminismo possui, ele questiona como as diferenças de gênero são marcadas por estruturas racistas e patriarcais (VERGÈS, 2020) em nossas sociedades?

A perspectiva de homens que não estão alinhados aos ideais de respeito e igualdade (*feminismo?*) são “pessoas tóxicas”, assim como os discursos sobre masculinidade tóxica, restringem ao campo individual comportamentos que foram construídos historicamente, a partir de um *imaginário* do que seja desempenhar

³ Trudeau não quer que seus filhos se convertam em pessoas tóxicas ou que se sintam pressionadas a atuar ou pensar de certa maneira, e por isso educá-los como feministas, entendendo o feminismo como uma filosofia de respeito e igualdade, é fundamental.

um papel masculino. Isto é, um conjunto de imagens que resulta de projeções que permitem passar de situações concretas para posições no jogo enunciativo, constituídas historicamente, em relação às condições materiais de produção, e determinadas pela *memória discursiva* (ORLANDI, 2015). Para ampliar esse debate, é necessário recorrer ao processo de *interpelação ideológica* (PÊCHEUX, 1995), compreendida como sempre já-gendrada (ZOPPI-FONTANA, 2017b; FRANÇA, 2018). Zoppi-Fontana (2017a) define gênero como uma construção discursiva, proveniente de processos de interpelação ideológica complexos e contraditórios. Partimos da primazia da interpelação ideológica, para identificar na e pela língua marcas desses processos, por meio da mobilização do conceito do lugar de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 1999). Analisamos, portanto, a maneira como os sujeitos se subjetivam e produzem efeitos de identificação na e pela língua, isto é, produzir um gesto de leitura para compreender como a revista GQ produz movimentos de dissenso e ruptura com imaginários de violência e machismo atribuídos à figura masculina.

SD2: Sobre ser **visto** como um feminista, ele é direto: “Eu **me considero** muito. A gente já viu que o mundo comandado por homens não dá certo. Comandado por elas, vai dar. Penso, sim, sobre igualdade e acho isso vai acontecer. A gente vai sofrer muito, mas vai rolar” (HILBERT, 2019, s. p., grifos nossos).

Na sequência discursiva, observamos o funcionamento de dois verbos para marcar esse movimento de identificação com os feminismos. Primeiramente, o verbo *ver* indica essa identificação a partir do olhar do *outro*, ou seja, ele é visto como tal. Na sequência, o entrevistado, Rodrigo Hilbert, responde dizendo que se “considera muito [feminista]”. Observamos como essas marcas na língua funcionam de maneira a descrever uma identificação com um lugar de enunciação para dizer-se (homem) feminista. Que processos de ruptura e reformulação de imaginários hegemônicos para a figura do masculino na sociedade esses dizeres produzem? Não almejamos esgotar essa discussão, e sim apontar a demanda de estudos que busquem elaborar gestos de leitura para essas questões.

Ainda que a revista GQ tensione os sentidos para masculinidades e os espaços a serem ocupados pelos homens a luta pela equidade de direitos entre gêneros, vale destacar a forte contradição que há em reafirmar um lugar de importância para os homens em movimentos que justamente primam pelo protagonismo das mulheres. Os sentidos para os movimentos feministas são evocados como se houvesse um consenso entre os leitores, isto é, dados como evidentes (MARIANI, 1996). Aqui vale grifar que, de maneira geral, a voz das mulheres é pouco citada nas publicações e as pautadas veiculadas aos movimentos feministas, como os direitos reprodutivos, equidade salarial e etc., não são debatidos em si, restringindo as discussões sobre a possibilidade ou não de os homens se identificarem como feministas, ou como as mudanças na sociedade decorrentes da luta das mulheres vêm impactando aos homens.

Dessa forma, observamos como a contradição se faz presente, de maneira constitutiva, nos dizeres sobre a possibilidade (ou não) da participação dos homens nos movimentos feministas. Vimos como há, ao mesmo tempo, um movimento de ruptura e emergência de novas formas de subjetivação, assim como há uma insistência em resgatar um lugar de importância para a figura do masculino. Analisamos também a maneira como o conceito de lugar de enunciação se apresenta como um importante aporte teórico para identificar marcas na língua nesses processos de subjetivação e identificação na e pela língua. Realizamos um breve apanhado teórico em relação à mobilização, nas análises, de raça e de gênero como ferramentas analíticas, para além de uma tipologia ou temática. Cabe ressaltar a demanda de fazer avançar dentro do

campo teórico da Análise de Discurso essas ferramentas teórico-metodológicas, uma vez que nossas formações sociais são marcadas pela exploração gendrada e racializada dos corpos subalternizados pelos regimes da colonialidade.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, G. R. A. **Gênero, raça e colonização**: a brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

GONZÁLEZ, P. ¿Por qué debes criar hijos feministas? **GQ México**, Ciudad de México, s. p., 12 out. 2017. Disponível em: <https://www.gq.com.mx/actualidad/articulos/por-que-debescriar-hijos-feministas/9135>. Acesso em: 27 mar. 2021

HILBERT, R. Rodrigo Hilbert se considera um feminista. [Entrevista cedida a] Ademir Correia. **GQ Brasil**, Rio de Janeiro, 12 jul. 2019. Disponível em: <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2019/07/rodrigo-hilbert-se-consideraum-feminista.html>. Acesso em: 27 mar. 2021.

MARIANI, B. S. C. **O Comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (19992-1989). 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MODESTO. R. L. Os discursos racializados. **Revista Abralín**, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu editora, 2020.

ZOPPI-FONTANA, M. G. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 12, n. 18, p. 63-71, 2017a.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Uma análise discursiva das identificações de gênero. *In*: ZOPPI FONTANA, M, G.; FERRARI, A. J. (org.). **Mulheres em Discurso**: identificações de gênero e práticas de resistência. Campinas: Pontes, 2017b. v. 2.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. **Leitura**, Maceió, n. 23, p. 15-24, 1999.